

## O Direito ao Insucesso (\*)

FREDERICO PEREIRA (\*\*)

Falarei aqui de coisas que me parecem sérias, e de coisas que parecem insensatas.

Falarei de crianças, de jovens e de adultos, sem preocupação de lógica ou de concatenação rigorosa de ideias; porventura direi disparates.

Não tem importância. O disparate também tem direito à vida.

No meio de comunicações marcadas pelo rigor e pela experiência, aparece esta, de quase pura opinião.

Disse eu em tempos e noutra contexto que um grande problema, no jovem, mas também na criança e também no adulto, é o da elaboração da decepção *construtiva*.

É assim porque, para além de tudo aquilo que aprende ou não aprende, o jovem *idealiza* ou *contraidealiza*, o que é uma das faces da idealização.

Idealiza o futuro, a profissão, as relações humanas, as suas capacidades, a sua capacidade de seduzir, tal como idealizou os pais, a família, etc.

Entre essa idealização — essa aspiração impossível que aliás é bonita e tentadora porque é impossível — entre essa idealização e a realidade existe um fosso.

O que se vai fazer com esse fosso? *Não se pode saltar para o lado de lá, porque o fosso alarga com o salto. É inaceitável ficar sempre do lado de cá, porque ficar do lado de cá é*

*ser verme em cima do rodapé, ou minhoca, ou lagartixa...*

Sobram duas possibilidades: uma é má: atirar-se para dentro do fosso e procurar esquecer. Outro nome para a droga, por exemplo, para a violência, também. Formas de tentar esquecer sem esquecer nunca nada.

Outra é diminuir o fosso, juntar mais o lado de lá e o lado de cá, esperar um pouco menos com um pouco mais de esperança.

Em duas ou três palavras, é a isto que chamo *elaboração da decepção construtiva*.

Todo o desenvolvimento do ser humano é, também em permanência, e desde quase o nascimento, a resultante de um outro jogo cruzado de decepções, que permite adquirir, construir, o que se deseja, e, se fôr possível, também abdicar um pouco daquilo que já se tem. Por exemplo: não posso aprender a ler na Escola e ao mesmo tempo ficar em casa ao colo da minha mãe. *Injustiça!*

Ou seja: não podemos ter tudo aquilo a que parece que aspiramos: só parte disso: 1.ª decepção; para ter só parte disso a que aspiramos, há coisas de que devemos abdicar: 2.ª decepção. (É verdade: de facto são duas decepções!...)

Dois decepções que se forem adequadamente elaboradas são fundamentais para o desenvolvimento, tão fundamentais que, sem elas, ele não se dá.

Mas se estas são peças de transcendente importância, a criança e o jovem não jogam sozinhos com elas. É à sombra de alguém, à sombra mais generalizada do mundo dos

(\*) Comunicação apresentada no V Colóquio «Psicologia e Educação», ISPA, Outubro de 1990. Professor Associado, ISPA.

adultos que as crianças e os jovens podem jogar esse jogo. Sozinhas, ou iludidas — e o jogo queima!

É precisamente no campo da decepção construtiva que se coloca o problema das relações entre o universo dito adulto e as crianças e jovens, é aí igualmente que se coloca a questão que designei por *direito ao insucesso*.

*Estranho direito* esse, dir-se-á.

De facto, o insucesso, de preocupação legítima, vai-se transformando em *doença social*, e às vezes até em doença individual.

Ser mal sucedido, que antigamente podia ser manifestação de azar, vai-se transformando quase em *crime*. E o crime ou se generaliza numa consciência delinquentizada, ou acarreta a culpa, o sentimento de menor valia, a depressão.

E se falo em «crime» é porque da publicidade nos órgãos de comunicação às ideias imaginárias em revistas especializadas em segregar a estupidez social, aos discursos oficiais, aos dizeres bem intencionados dos agentes da Educação, *ser bem sucedido é um imperativo categórico*.

Foi para aí que caminhou a relação social e técnica com o *Insucesso Escolar*. Como se recordam, primeiro falava-se do insucesso escolar, simplesmente do insucesso escolar como manifestação social de processos activos de segregação e marginalização.

Depois passou a falar-se do *Sucesso Escolar* e dos Obstáculos ao Sucesso Escolar.

No plano técnico isso significava que se via necessário descobrir quais as barreiras ao sucesso para as remover e promover o sucesso, o que é uma ideia do maior interesse.

Mas no plano ideológico isso acabou por se enquadrar num espaço mental ao qual importa «ver as coisas pela positiva». Deste luso-brasileirismo temperado pelos «tu estás OK/eu estou OK» mais americanizados para exportação, rapidamente se chega à ideia de «*promoção* puramente técnica do Sucesso Escolar».

Nisto tudo *vai-se julgando que se mudam as coisas só porque se mudam as palavras*. Trocadilhos do imaginário social.

Mas enquanto nós nos ocupamos de questões como estas, uma maravilha do século vai-se

estruturando, invenção magnífica para se curar todos os males, banha da cobra da *terceira metade* do sec. XX: a *consciência liberal*, o *liberal*, o *liberalismo* — assim chamados por macaqueação grotesca da palavra «liberdade».

Na sua forma mais simples, e não técnica, que é aquela a que nos confrontamos, essa forma protoplásmica de consciência, caracteriza-se por *uma palavra, uma relação e uma filosofia*.

*Empresa* é a palavra.

*Um homem* — *uma empresa*, a relação.

*Cada um que se safa, quem não se safa é culpa dele*, é a filosofia.

É neste contexto de individualismo que se coloca de novo o problema do sucesso/insucesso, nomeadamente escolar.

E de novo se volta ao princípio, recentrando-se no sujeito a gestão da responsabilidade dos seus sucessos e fracassos, numa sociedade como se sabe sorridente e voltada para o sucesso.

Essa recentração no sujeito individual não está completa ainda: falta-lhe esse ingrediente fundamental que consiste em psicólogos especialmente treinados para passar testes e com entrevistas descobrir *jeitos* no gabinete ao lado da sala de aula.

Então poder-se-á dizer com toda a propriedade, verdadeiramente e cientificamente: «agora, meu menino, se sabes verdadeiramente daquilo que gostas e até daquilo que és capaz, se não fazes é porque não queres».

E quanto ao acesso ao bastião da Cultura que é a Universidade ficam também os problemas resolvidos: «agora há sempre meninos, cada vez mais meninos, a querer entrar para a Universidade», exclamava em Junho com tanta graça num jornal do Sindicato Nacional do Ensino Superior uma Socióloga Professora Catedrática.

Já talvez assim passe a haver menos meninos com essa mania-de-mal-orientados a querer ir para a Universidade, quer para isso tenham *jeito* ou não.

Como continuava a Professora Catedrática que citei: «a indignação de quem se habituou a ter um lugar cativo para os filhos, *independentemente dos seus talentos*, não me comove. É por isso que defendo que os alunos que terminam o ensino secundário devem ser sujeitos a uma selecção rigorosa e que, uma vez

lá dentro, devem ser impedidos de andar a brincar na forma». Fim de citação.

A mentalidade que se espelha nestes ditos que seria impróprio adjectivar é exactamente a mesma que aquela de que procuro aqui delinear os meandros:

- *o problema do sucesso/insucesso é uma meritocrática questão de talentos;*
- *se reprova é porque não tem jeito — vá para as obras e quanto mais depressa melhor;*
- *ou então é porque foi mal seleccionado;*
- *ou então ainda é porque anda a brincar na forma.*

Um aluno, por natureza, não tem o direito ao insucesso. Não deve. Não pode. Está a roubar o lugar a outro com mais talento. E ainda por cima é culpa dele. É preguiçoso ou burro ou não tem jeito para aquilo. Aqui estão de novo com linguagem bem mais agressiva e perigosa *as velhas ideias do tempo da outra senhora.*

Estas arquitraves cheias de substância catedrática limitam-se puramente a manifestar o perigoso ideário que se vai promovendo como o único e o verdadeiro ideário do sistema educativo: um ideário onde não há espaço para brincar e onde a cada passo do insucesso se responde com tal preocupantemente aflita preocupação que ao jovem com insucesso só resta uma de três soluções: culpar-se, deprimir-se, delinquir-se.

Mas afinal se as coisas comessem a estar de pernas para o ar? Se a resposta mais natural fosse o insucesso? Se chumbar pudesse ser uma manifestação de saúde mental?... Pudesse ser... aqui e ali...? Se o desinteresse pudesse ser o primeiro passo de uma reacção positiva? Um sinal? Um alerta?

Não digo *sempre*. Digo: *algumas vezes*, pelo menos...

Uma criança nasce. Pouco depois, entre sons e mamadas, logo se põe a olhar para o mundo, a ouvi-lo, a senti-lo, com uma inesgotável curiosidade e uma insaciável apetência. Distingue aquilo que tem mais «informação» daquilo que tem menos «informação»; explora o que é rico e diversificado e afasta-se daquilo que é pobre e monótono. Procura olhos à espera

que olhos a procurem. Depois sorri esperando que lhe sorrissem. Agarra e espera ser agarrada. Distingue o que está longe e o que está perto. Mais tarde quer ouvir histórias sem fim. Pergunta a si mesma se a palavra «pata» tem patas como tem a pata. Quer saber como nascem os meninos e o que é isso de ser menino e ser menina.

Confronta-se com enigmas, constrói outros, resolve alguns, outros não...

*Esta criança genérica, tão apaixonadamente curiosa, vai para a escola e um dia desinteressar-se e começa a reprovar.*

*Porquê? É um paradoxo que solicita a nossa atenção.*

Se formos a ver, ainda que só em primeira linha e de uma forma obviamente esquemática e grosseira, a resposta não é tão complicada como parece, e talvez não valha a pena espremermos a alma à procura do que está debaixo do tapete quando ainda não vimos o que está à vista.

A resposta pode ser: *as crianças, os jovens desinteressam-se porque aquilo que vêm e ouvem não lhes interessa ou não é interessante; porque surgem bloqueios na sua capacidade de se interessar; porque são vítimas de assaltos culturais, formas de desrespeito, por vezes violências subtis ou manifestas.*

E depois não são solidárias com os objectivos que os adultos lhes propõem porque não sentem que os adultos estejam solidários com elas, pelo menos no essencial.

Se sentissem abdicavam de muitas coisas que *querem* mas não *podem* ou não *devem ter*. Coisas até que numa perspectiva puramente racional *poderiam ter*.

«— Papá, vou começar a chamar-te Frederico. Eu sou filha e tu chamas-me Ana. Então tu és pai e eu chamo-te Frederico.

— Pois é, mas um Pai é Pai e uma filha pode ser Ana.

— Hum... está bem...»

Extracto de conversa que mostra que a Ana *tem racionalmente* razão contra o Pai, e que o Pai diz *coisas absurdas e irracionais*; mas o Pai *tem emocionalmente* razão contra o projecto da filha. Então a filha abdica do projecto

porque sente que o pai *algures* deve ter razão, ele que está solidário com ela...

Nas escolas é talvez parecido. A história das palavras com que um aluno se dirige aos professores talvez pudesse mostrar o respeito que eles gostariam de ter: *Setôra*, ou em versões mais perto do pessoal do Rui Veloso, *Sessôra*; e *Setôra* é *Setôra*, não pode ser outra coisa. *Palavra carregada de afecto*, marca ao mesmo tempo de respeito... Um dia surge o desrespeito, no lugar do afecto aparece a raiva... porquê?

Já sei que há lugar para a pergunta clássica: mas só alguns é que fracassam, só alguns é que desrespeitam... outros têm uma trajectória educacional regular... porque é que há alguns que nunca reprovam?

A resposta também não parece à *partida* muito complexa: as crianças que seguem um percurso educacional normal tiveram a sorte de apanhar professores de quem gostaram mais; ou professores que em vez de ensinarem só que *p-a/pa* ou que *pa está em papagaio e também está em patinho*, perguntaram como é que acham que se escreve pato e por aí começaram; ou têm famílias que lhes fornecem complementos de autoregulação sob forma de estima, compreensão, esperança, apoio, diálogo; ou dispõem de um referencial cultural idêntico àquele que a escola veícula... etc, etc.

Não é só um fenómeno social que está em causa: é a existência ou inexistência de processos relacionais, intersubjectivos e intrasubjectivos, que permitem à criança e ao jovem monitorar as suas acções e pensar os seus pensamentos.

Na maioria dos casos de fracasso escolar é certamente a ausência destas variáveis que está em causa.

E estando estas variáveis ausentes, *é natural que se dê o insucesso*. Tão natural como sair sangue quando se corta o dedo. Preocupante seria que não saísse sangue...

Mas há ainda outras razões mais globais, para o desinteresse e o insucesso.

Quando uma criança ou um jovem olha para o mundo dos adultos, o que vê?

Vê uma cena extraordinariamente complicada sobre a qual lhe é difícil pensar e que acaba por *reprimir*.

Nesse processo que estou a designar por *repressão* são muitas vezes arrastadas a sua

curiosidade e o seu interesse em saber. *Saber por saber* e não *Saber para fazer alguma coisa. Pensar*.

*Ora acontece este fenómeno insólito de os espaços escolares não disporem normalmente de zonas onde se pense; dispõem só de zonas onde se é suposto ensinar e aprender. Às vezes até parece que pensar é proibido...*

Pensar sobre quê?

Sobre tudo aquilo que suscita a curiosidade e nunca é falado porque os adultos já se esqueceram ou não querem.

Na sua trajectória, as crianças e os jovens vão-se pôr *questões importantes acerca de tudo*:

- *Porque é que há sempre buracos na rua?*
  - *Porque é que deitam abaixo edifícios bonitos?*
  - *Porque é que matam tantos peixes no Tejo?*
  - *Porque é que já não há golfinhos?*
  - *Porque é que há sempre guerras?*
  - *Porque é que há pessoas que moram em bairros de lata?*
  - *Porque é que há tantos cartazes de publicidade?*
  - *Porque é que eu hei-de estudar meia hora por dia?*
  - *Porque é que há partidos políticos?*
  - *Como é que funciona um banco?*
  - *Um cheque é papel e é dinheiro?*
  - *Porque é que a minha mãe não está ao pé de mim?*
  - *Porque é que os gajos me dizem coisas na rua?*
  - *Como é que nascem os meninos?*
- Etc, etc, etc...

Sobre estas questões não há espaço nem tempo para pensar, discutir, elaborar.

umas são simples; outras complexas; outras incríveis.

*«Como é que nascem os meninos, bem isso é para a disciplina de Educação Sexual, não é verdade, para começar há espermatozóides e óvulo, o óvulo são como os ovos da galinha e os espermatozóides umas coisinhas que saem do pai e entram no ovo da galinha e depois está um certo calor no corpo da mãe. A isso chama-se fecundação. A seguir... — Obrigado papá, já percebi! [pensa lá por dentro: ele pensa que eu sou parvo! Sei muito bem que é por*

*causa de eles estarem às escuras e darem saltos ao mesmo tempo]».*

*Quanto às guerras, aos peixes é também melhor não falar. Fariamos uma triste figura.*

E quando a criança cresce e chega ao estado de juventude, já não vai fazer perguntas: vai agitar-se, correr, «fazer asneiras», *matar a sua curiosidade* ou dizer: «São umas bestas!» e meter um prego num pneu.

*Cooperação? Imaginação? Direito à imaginação? Isso são coisas do passado. Agora somos todos crescidos e sérios. No tempo das utopias falava-se dessas coisas, agora em primeiro lugar é preciso aprender que um tostão é um tostão e um milhão é um milhão! Coisas práticas e concretas.*

Aquilo que os jovens de hoje vêem são os de uma geração anterior, seus pais tantas vezes, a dizer com sapiência e adultícia que *tudo aquilo eram utopias, confusões, ideologias.*

*Sabem, já não há direita nem esquerda, acabaram as ideologias. Hoje é-se pós-moderno, ou mesmo neo-pós-moderno. No máximo haverá lugar para micro-racionalidades, coisas do bairro, ou ali da esquina, problemas muito concretos, as taxas, a energia, a energia alternativa, as actividades alternativas, as escolas alternativas, as estéticas alternativas, as éticas alternativas, os quotidianos alternativos, as alternativas alternativas. Mas nem isso. Afinal não há nem tem de haver alternativas. Há só coisas práticas e concretas.*

*O jovem liga a televisão. Ah! Finalmente discussão de alternativas!... Afinal acaba por ver uma equipa de boné branco e outra de branco boné a discutir as alternativas que não são, e a seguir dá-se pontos, percentagens. GANHOU a equipa do boné branco! A discussão de um assunto sério transformou-se numa coisa mais compreensível: um ganha-perde, um concurso de televisão, um jogo de futebol. Coisas práticas.*

*Mas se o jovem comprar o jornal tem fortes probabilidades de ficar a saber como o Sr. Andrade. MBA em Kansas City fez fortuna a partir de quase nada, ou de descobrir detalhadamente a organização do dia do Sr. Frankenstansen, gestor do IPiPi em Portugal. Eu digo-vos para não ficarem cheios de curiosidade: 6.30: acorda. 7: Pequeno-almoço. 7.30 sai de casa (o Sr. Frankenstansen mora na*

*linha) para não apanhar bichas. 9h em ponto, escritório nas Amoreiras, e aí telexes, faxes, comunicações por main frame com Tóquio, Paris, Londres, Nova Iorque.*

Quem não é organizado não ganha.

Quem não estuda não passa.

Além do dia do Sr. Frankenstansen, também se podem conhecer reflexões do Dr. Vitor Vitória sobre os cabides de Cambridge e o positivismo lógico. Ou então que Marx dormia com a criada e um dia um amigo estava doente e ele não respondeu, Popper *dixit*.

Etc, etc, etc.

Com a consciência do exagero — mas nem tanto, nem tanto... — é com um panorama assim que tem de conviver o jovem e a criança. Num panorama caracterizado pelo exercício da violência sobre o pensamento.

Sem ideologias, como pensar o mundo? Sem diferenças nítidas entre objectos de pensamento, como pensar sequer?

Construindo o extraordinário logro que consiste em transformar uma manifestação de doença social em sistema de valores, como esperar dos jovens que haja interesse, amor pelas coisas, atracção pelo futuro? Sem crítica do presente, como ter atracção por qualquer futuro?

Quando os gurus do presente transformam o imaginário em utopia desdenhosamente designada, em nome de quê é que os jovens vão usar o seu imaginário?

*Chateiam-se, entediam-se, deprimem-se. A seguir passam ao acto.*

*O insucesso é uma resposta normal a uma situação anormal.*

Suspeito — e essa suspeita é o centro do que aqui agora digo — que por detrás do insucesso perfila a recusa. Uma recusa desorganizada sem dúvida mas activa ainda que inconsciente daquilo a que um darwinismo social enfatizado vai querendo condenar-nos a ser: receptores passivos do desejo de alguns em se transformarem em sapientes organizadores sociais da estupidez e da violência clandestina.

*Réstias de afirmação da individualidade: ficar doente e ser mal sucedido.*

O insucesso escolar por isso não é apenas um direito: *é o processo infantil e juvenil da sociedade adulta.*

Dir-se-á: enegreço o quadro, pinto a manta, não é tanto assim, que coisa!

Não discuto: Nos dias de cólera que acabarão por vir, ver-se-à melhor a textura real do quadro real.

Até lá, meninos, portem-se bem, «não brinquem na forma» que é a fórmula catedrática desta outra com que finalizo: «*Para resolver o problema do insucesso escolar meninos, vamos a não mijar para fora do penico.*»